



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

O ramadã e suas implicações ritualísticas a partir da antropologia da religião

Autoria: Diógenes Braga Ramos (EST)

A proposta desse work é observar o rito do Ramadã a partir da Antropologia da Religião, analisando a mesquita Luz da Fé localizada na cidade de Campo Grande-MS. Esta escolha se dá por conta da pesquisa de mestrado que estou realizando no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMT. Para isso, contextualizarei historicamente a mesquita Luz da Fé e através de observação participante. Nas reuniões de sextas-feiras que acontecem na mesquita tenho conversado com os muçulmanos membros e participantes, como também com o Sheik da comunidade para entender como essas pessoas vivenciam e experienciam sua fé e entendem e participam do Ramadã. É importante ressaltar que apenas o olhar êmico descrito pelos muçulmanos da comunidade poderão confirmar qual a importância do Ramadã para a comunidade de fé e a relevância social que o evento do Ramadã impacta sócio-culturalmente essas pessoas. Chamo atenção que uma das dificuldades de participar das atividades religiosas e sociais com os membros da mesquita se dão por que não falo árabe e o centro da fé dos muçulmanos se constrói na língua árabe, inclusive o Sheik que cuida da religiosidade da Mesquita é egípcio e não fala português, desta forma nossas conversas, tem sido em inglês ou com um tradutor que está se tornado meu informante no processo. Uma das questões que tem despertado interesse como uma possível hipótese a ser melhor investigada é de a relação dos muçulmanos que frequentam a mesquita não só se estabelece por conta das relações espirituais, mas de que a mesquita tem um papel político, econômico e social para esses membros. Diante disso também questiono se o Ramadã não pode ser entendido como um rito que transcenda apenas a experiência religiosa, mas que possa ser observado como um elemento integrador que rompe com os paradigmas de análise do rito como apontados por grande parte dos pesquisadores que pesquisam o rito e seus desdobramentos. Outra questão que também chama atenção é de que existe uma tendência de que a manutenção do rito do Ramadã se fortalece como uma prática na comunidade religiosa por conta da memória que é estabelecida de geração a geração na estrutura familiar para que se mantenha esse rito. Para analisarmos a questão do rito e a fundamentação teórica utilizarei Michel Meslin, Jack David Eller a partir da antropologia da religião, na discussão acerca da memória, me pautarei no antropólogo Joël Candau. E nas observações relativas a religião e cultura me



pautarei em Pierre Sanchis. As perspectivas teóricas sobre os muçulmanos no Brasil ainda carecem de mais pesquisas, diante disso, a proposta desse texto é apenas incentivar que possamos nos aprofundar mais nas questões sobre o crescimento e o fortalecimento dos muçulmanos no Brasil.

[Trabalho completo](#)



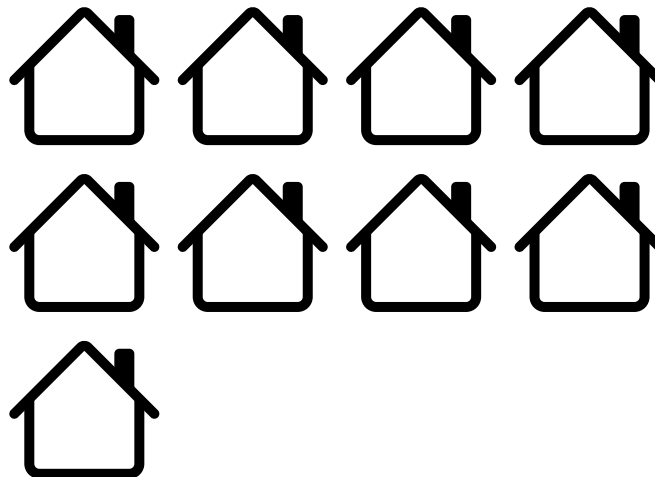
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: